

Eventos Traumáticos na Adolescência Associados ao Suicídio: Uma Revisão

Sistemática de Literatura

Allana Victória Torquato Coelho

Daniella Marques Brito

Deborah Silva de Almeida

Márcia Brandão

Orientadora Me. Ana Luísa Lopes Cabral

Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

Curso de Psicologia

Anápolis

2025

**Eventos Traumáticos na Adolescência Associados ao Suicídio: Uma Revisão
Sistemática de Literatura**

Allana Victória Torquato Coelho,

Daniella Marques Brito,

Deborah Silva de Almeida

Márcia Brandão

Orientadora: Me. Ana Luísa Lopes Cabral

Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

Curso de Psicologia

Trabalho apresentado ao curso de Psicologia da
Universidade Evangélica de Goiás, como
requisito parcial para a disciplina de Trabalho de
Conclusão de Curso, sob orientação da
professora Me. Ana Luísa Lopes Cabral.

Anápolis

2025

Eventos Traumáticos na Adolescência Associados ao Suicídio: Uma Revisão Sistemática de Literatura

Allana Victória Torquato Coelho, Daniella Marques Brito, Deborah Silva de Almeida e Marcia Brandão

Orientadora: Me. Ana Luísa Lopes Cabral

Curso de Psicologia

Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

1. Resumo

O objetivo desta revisão de literatura, realizada de forma sistemática é relacionar os eventos traumáticos como elemento agravante para a incidência de suicídio na adolescência, bem como quais ações podem evitá-lo. Para a elaboração deste artigo foi realizada uma revisão de literatura baseada nas pesquisas em bases de dados eletrônicas (SciELO e Lilacs), referentes ao período de 2015 a 2025. A prevalência de suicídio é alta e está significativamente relacionada a eventos traumáticos como: uso de álcool e drogas, violência sexual, relacionamento disfuncional com os pais que podem desencadear quadros depressivos, frequentemente associados ao suicídio em adolescentes. Há necessidade de investimentos em pesquisas no Brasil, bem como programas para prevenção, dado o crescimento das taxas de suicídio entre adolescentes, sobretudo do sexo masculino.

Palavras-Chave: adolescência, adolescente, suicídio, violência autoprovoada, eventos traumáticos

Eventos Traumáticos na Adolescência Associados ao Suicídio: Uma Revisão Sistemática de Literatura

Introdução

A adolescência é um período de grandes mudanças físicas, emocionais, cognitivas entre outras. A partir das ideias de Santos, Diniz e Silva (2021), contextualizam a adolescência explicitamente no contexto pós-moderno, marcado por conflitos baseados em individualismo, consumismo, fragmentação, solidão e instabilidade emocional. Nesse contexto, as relações humanas são tratadas como coisas descartáveis, líquidas. Caracteriza a adolescência como um período de intensa complexidade, fragilidade e instabilidade, onde o indivíduo não pertence mais à infância nem é totalmente reconhecido como adulto. O sofrimento gerado pela percepção de não pertencer mais e não conseguir se estruturar no universo adulto é destacado pelos autores. A fragilidade dos vínculos e da estrutura familiar é vista como um fator desencadeador, especialmente no contexto pós-moderno, onde conflitos decorrem das relações líquidas e a distância pode dificultar o diálogo.

Tendo em vista que a adolescência se considera como uma transformação biopsicossocial e a relevância de estudos sobre suicídio nessa faixa etária, juntamente com necessidades de entender os fenômenos que envolve esse contexto, o presente trabalho tem o intuito de explorar de forma didática como funciona a dinâmica entre as mudanças na adolescência e suas implicações relacionadas ao suicídio, mais especificamente os eventos traumáticos.

Um trauma se refere a experiências intensas que sobrecarregam a capacidade de uma pessoa de lidar com elas no momento, resultando em grande sofrimento emocional, psicológico ou físico. A maneira como alguém processa um evento traumático é influenciada por diversos fatores, como resiliência pessoal, o apoio de sua rede social e familiar, e experiências passadas. A ausência desses elementos pode ampliar o impacto de um evento traumático, levando a uma variedade de sintomas que variam de pessoa para pessoa, incluindo ansiedade, dificuldades emocionais e alterações comportamentais. Eventos traumáticos podem ser, por exemplo, acidentes graves, violência física e emocional, diferentes formas de abuso (infantil, doméstico, sexual), perdas abruptas (como a morte de um ente querido ou separações), catástrofes naturais, ou a exposição a situações de guerra e conflitos. O artigo irá focar em violência familiar, abuso sexual, bullying e vulnerabilidade social e suas contribuições para comportamentos suicidas.

Segundo Bonfatti, Granato & Ribeiro (2021), o acúmulo de experiências traumáticas, soma vulnerabilidades e acarreta maior prejuízo na saúde mental. Os impactos são intensos e marcantes. Por vezes, excedem a capacidade de enfrentamento emocional do indivíduo, gerando profundo sofrimento psicológico, emocional e, por vezes, físico; comprometendo significativamente o bem-

estar e constituindo um importante fator de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais e outras condições psíquicas.

De acordo com Menezes e Faro (2023), adolescentes que vivenciaram abuso emocional apresentam uma probabilidade significativamente maior de desenvolver comportamentos autolesivos, o que evidencia o impacto cumulativo desses traumas no desenvolvimento emocional. Além disso, a exposição a diferentes formas de violência contribui para o isolamento social e a baixa autoestima, intensificando a predisposição a pensamentos autodestrutivos. Ferreira e Porto (2019) ressaltam que essas experiências de sofrimento psicológico frequentemente geram um ciclo vicioso, no qual a incapacidade de regulação emocional leva ao suicídio como estratégia de enfrentamento.

Diante desse cenário, compreender a relação entre eventos traumáticos e o suicídio torna-se essencial para o desenvolvimento de intervenções psicossociais eficazes e políticas públicas direcionadas. Este estudo tem como objetivo abordar essas conexões por meio de uma revisão sistemática da literatura, analisando os eventos traumáticos associados ao suicídio entre adolescentes e jovens em contextos de instabilidade emocional e social.

METODOLOGIA

O presente estudo adota o delineamento de revisão sistemática da literatura, uma abordagem de pesquisa secundária cujo propósito é reunir, avaliar criticamente e sintetizar os conhecimentos científicos existentes sobre determinada temática. Conforme destacado por Galvão e Pereira (2014), às revisões sistemáticas são reconhecidas como o mais alto nível de evidência disponível para a tomada de decisão clínica e para formulação de políticas públicas, por seguirem um método explícito, reproduzível e baseado em uma pergunta de pesquisa bem definida.

Neste caso, a questão central da investigação consiste em relacionar como os eventos traumáticos vivenciados na adolescência estão associados ao suicídio. Para garantir a objetividade da pergunta de pesquisa, foi utilizado o acrônimo PICOS (população; intervenção (ou exposição); comparação; e desfecho (O, outcome, do inglês), conforme recomendado por Galvão e Pereira (2014), onde o público foram adolescentes com idade entre 10 e 19 anos; vivência de eventos traumáticos caracterizados violência física, emocional, sexual, bullying e familiar com relação ao comportamento suicida, baseado em estudos teóricos, qualitativos, observacionais e revisões anteriores. Dessa forma, a pergunta da pesquisa foi formulada nos seguintes termos: “Quais eventos traumáticos estão associados ao comportamento suicida entre adolescentes?”

Estratégia de Busca e Fontes de Informação

A pesquisa bibliográfica foi conduzida entre fevereiro e maio de 2025, utilizando-se as bases de dados SciELO e BVS/LILACS. Essas plataformas foram escolhidas por sua relevância e abrangência na literatura científica latino-americana, especialmente em estudos da área da saúde, psicologia e ciências humanas. Para a construção das estratégias de busca, foram utilizados os seguintes descritores, associados por operadores booleanos:

(Adolescência) OR (Adolescente) AND (eventos traumáticos) OR (Violência)

(Adolescência) OR (adolescente) AND (suicídio) OR (violência autoprovocada)

(Adolescência) OR (Adolescente) AND (Violência) OR (violência autoprovocada)

Essa combinação permitiu abranger um leque diversificado de publicações voltadas à problemática do suicídio adolescente, resultando na identificação de 467 artigos na base SciELO e 200 na base BVS. O processo de seleção dos artigos seguiu as etapas recomendadas para revisões sistemáticas incluindo leitura dos títulos para exclusão de materiais irrelevantes, análise dos resumos para verificar pertinência com a temática, leitura integral dos textos selecionados, com base nos critérios previamente definidos. Ao final dessas etapas, foram selecionados 13 estudos para leitura completa, dos quais 11 foram incluídos na análise final. Um artigo foi excluído por não ser um estudo que envolve os adolescentes brasileiros, e o outro não respondia de forma direta à pergunta de pesquisa.

Critérios de Inclusão e Exclusão

Para garantir a relevância e qualidade dos estudos incluídos, foram adotados os seguintes critérios de inclusão: Artigos publicados entre 2015 e 2025, escritos em língua portuguesa; disponíveis em texto completo e gratuito, que abordem população adolescente (10 a 19 anos); cujo conteúdo trate de forma direta ou indireta da relação entre eventos traumáticos e comportamento suicida. Os critérios de exclusão foram: artigos com acesso restrito ou somente com resumo disponível; estudos voltados a outras faixas etárias (crianças, adultos ou idosos); pesquisas médicas generalistas sem abordagem psicossocial ou psiquiátrica.

Extração e Análise dos Dados

A extração dos dados foi realizada de forma manual, padronizando-se as informações como tipo de estudo, população investigada, tipos de eventos traumáticos abordados, desfechos em saúde mental em relação ao suicídio. Optou-se por realizar uma análise qualitativa descritiva, sem aplicação

de metanálise, dada a heterogeneidade metodológica e teórica dos estudos selecionados. Os achados foram organizados em categorias temáticas que evidenciam os principais fatores de risco associados ao suicídio na adolescência: violência familiar, abuso sexual, bullying automutilação e vulnerabilidade social.

2. OBJETIVOS DA PESQUISA

Com base em análise prévia da literatura, compreende-se o suicídio na adolescência como fenômeno complexo, multifatorial e de crescente relevância no campo da saúde mental. Esse período do desenvolvimento é marcado por intensas transformações biológicas, psicológicas e sociais, que podem aumentar a vulnerabilidade ao suicídio, especialmente na presença de transtornos mentais, como depressão e ansiedade, além de conflitos familiares, bullying, discriminação social e exposição a traumas ou eventos adversos. Diante disso, investigar os fatores associados ao suicídio em adolescentes, com foco nas influências psicológicas, familiares e sociais, envolve a identificação de indicadores de risco e sua relação com o suicídio.

2.1 Objetivo Geral

Este estudo tem como objetivo geral analisar os fatores psicológicos, familiares e sociais associados ao suicídio na adolescência, visando identificar os principais indicadores de risco e compreender sua inter-relação com o comportamento suicida nessa faixa etária.

2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos deste estudo têm como propósito desdobrar o objetivo geral em etapas claras e viáveis, permitindo uma análise de eventos traumáticos relacionados ao suicídio na adolescência. A partir deles, buscamos direcionar a investigação para aspectos que possibilitem uma compreensão mais significativa dessa correlação. São eles:

1. Analisar os fatores associados ao suicídio em adolescentes.
2. Examinar o papel das dinâmicas familiares e sociais no suicídio.
3. Avaliar aspectos como violências física, emocional, sexual, bullying e cyberbullying em adolescentes e sua predisposição ao suicídio.
4. Identificar, a partir da literatura, estratégias de prevenção e intervenção para reduzir a incidência do suicídio em adolescentes expostos a eventos traumáticos.

Resultados

Os critérios de inclusão estabelecidos foram: artigos publicados entre os anos de 2015 a 2020, em português, totalizando 667 publicações; sendo 467 artigos na base de dados Scielo e 200 no BVS - Lilacs.

Tabela 1- Resultados Iniciais por base de dados

BASE DE DADOS	DESCRITORES	RESULTADOS
SCIELO	“Adolescência OR Adolescente AND Eventos Traumáticos OR Violência”	57
	“Adolescência OR Adolescente AND Violência OR violência”	103
	Autoprovocada’ “Adolescência OR adolescente AND Suicídio OR Violência” Autoprovocada ”	103
	“Adolescência OR Adolescente AND Suicídio OR Violência Autoprovocada” OR Eventos Traumáticos”	101
	“Adolescência OR Adolescente AND Suicídio OR Violência Autoprovocada OR Trauma”.	103
BVS - LILACS	“Adolescência OR Adolescente AND Eventos Traumáticos OR Violência”	44
	“Adolescência OR Adolescente AND Violência OR violência Autoprovocada”	39
	“Adolescência OR adolescente AND suicídio OR Violência Autoprovocada”	41
	“Adolescência OR Adolescente AND	38

Suicídio OR Violência Autoprovocada
 OR Eventos Traumáticos”
 “Adolescência OR Adolescente AND
 Suicídio OR Violência Autoprovocada
 OR Trauma” 38

Total de resultados 667

Tabela 2- Critérios de Inclusão e Exclusão.

BASE DE	CRITÉRIO DE INCLUSÃO	CRITÉRIO DE EXCLUSÃO
-----DADOS		
Scielo	-Adolescente -Artigos publicados entre os anos de 2015 a 2025 -Artigos na Língua Portuguesa - Artigos de todos objetos de	-Trabalhos com acesso restrito ou incompletos (resumos) - Artigos com público específico, que não atendam ao objetivo da pesquisa -Livros de resumo, artigos da área médica, exceto psiquiatria
BVS -	-Adolescente -Artigos publicados entre os anos de 2015 a 2025	-Trabalhos com acesso restrito ou incompletos (resumos) -Artigos com público específico,

-Artigos na Língua Portuguesa
-Artigos de todos objetos de Pesquisa

que não atendam ao objetivo
-Livros de resumo, artigos da área médica, exceto psiquiatria

Tabela 3- Estudos Seleccionados para Leitura e Análise na Íntegra

BASE DE DADOS	TIPO DE TRABALHO	RESULTADOS
SCIELO	Artigos	9
BVS-LILACS	Artigos	4
Publicações (excluídos), não respondiam o problema	Artigos	2
TOTAL		11

Na etapa subsequente, procedeu-se à leitura dos títulos dos artigos, seguida da análise dos resumos dos estudos potencialmente relevantes. Com base nos critérios de elegibilidade previamente estabelecidos, foram selecionados para leitura na íntegra 9 artigos da SciELO e 4 da BVS, totalizando 13 estudos, que ao final foram analisados 11 artigos, tendo em vista a exclusão de 02 artigos cada um de uma base de dados, por se afastarem da pergunta de pesquisa desta revisão.

Esse processo de seleção foi conduzido de acordo com as diretrizes metodológicas recomendadas para revisões sistemáticas, visando garantir a transparência, reprodutibilidade e rigor científico do estudo. A aplicação criteriosa dos critérios de inclusão e exclusão, bem como a documentação detalhada de cada etapa, asseguram a qualidade e a confiabilidade dos resultados obtidos.

DISCUSSÃO

A epidemiologia do suicídio na adolescência revela um cenário preocupante, tanto no Brasil quanto em âmbito global. Moreira e Bastos (2015), em uma revisão literária baseada em estudos de corte transversal sobre a prevalência de fatores associados à ideação suicida na adolescência, relatam que o suicídio está, mundialmente, entre as cinco principais causas de morte na faixa etária de 15 a

19 anos. Em diversos países, ocupa a primeira ou segunda posição entre as causas de morte de meninos e meninas nessa mesma faixa etária.

Comparando com dados bibliográficos complementares não incluídos nos resultados da presente revisão observa-se que no Brasil, a taxa geral de mortalidade por suicídio, em 2012, foi de 5,3/100 mil habitantes. O total de suicídios no país, entre os anos de 2002 e 2012, passou de 7.726 para 10.321, representando um aumento de 33,6%. Esse crescimento superou a expansão populacional do mesmo período (11,1%), bem como o aumento dos homicídios (2,1%) e dos óbitos por acidentes de transporte (26,5%) (Waiselfisz, 2014).

Partindo ainda dos dados bibliográficos, as taxas de mortalidade por suicídio entre jovens brasileiros, em 2012, foram relativamente baixas (5,6 por 100 mil) quando comparada às de outros países. No entanto, alguns municípios apresentaram índices significativamente elevados dentro do contexto nacional. Destacam-se Moju-PA (41,2), Cruz Alta-RS (39,7) e Tabatinga-AM (37,3), considerando populações jovens de 21.859, 15.096 e 16.077, respectivamente. O município de Tabatinga-AM, inclusive, ocupou o terceiro lugar em mortalidade por suicídio entre jovens (Waiselfisz, 2014).

Segundo o mesmo autor, na população jovem (15 a 19 anos), faixa etária que inclui o final da adolescência (15 a 18 anos), o aumento foi de 15,3%, passando de 2.515 para 2.900 suicídios entre 2002 e 2012. A taxa de suicídio, nessa população, passou, no mesmo período, de 5,1/100 mil para 5,6/100 mil jovens, colocando o Brasil na 60ª posição no ranking mundial.

Para Silva et al. (2021) em um estudo realizado pelo Ministério da Saúde em 2019 analisou-se 3.194 óbitos por suicídio entre adolescentes de 10 a 19 anos no Nordeste brasileiro, no período de 2001 a 2015 (SIM/Datasus), e revelou o seguinte perfil epidemiológico: houve predomínio do sexo masculino (62,1%); a faixa etária de 15 a 19 anos concentrou a maioria dos óbitos (84,8%), tanto entre meninos (86,6%) quanto meninas (81,7%); a raça/cor parda foi a mais frequente (65,4%); e a maioria dos adolescentes possuía entre quatro e sete anos de escolaridade (31,7%). Observou-se ainda um número elevado de dados ignorados nas variáveis raça/cor (12,6%) e escolaridade (29,6%).

A causa mais frequente foi a lesão autoprovocada intencionalmente por enforcamento, estrangulamento e sufocamento (CID X70), presente em 47,8% dos óbitos, em ambos os sexos. No sexo masculino, a segunda principal causa foi disparo de arma de fogo (CID X74) (8,2%). No sexo

feminino, destacou-se a autointoxicação por exposição intencional a pesticidas (CID X68) (24,9%). Entre os estados, Maranhão, Ceará, Paraíba e Bahia apresentaram tendência de crescimento na faixa de 10 a 19 anos para ambos os sexos, com Paraíba destacando-se com o maior crescimento percentual (8,1%). Pernambuco apresentou tendência decrescente a partir de 2007 (-7,0%). No sexo masculino, cinco estados tiveram tendência crescente, com destaque para a Paraíba (8,0%). No sexo feminino, nenhum estado apresentou tendência crescente, e Rio Grande do Norte e Bahia tiveram tendência decrescente (Silva et al. 2021).

Este estudo conclui que os perfis de adolescentes do sexo masculino da região do Nordeste entre 2001 e 2015, com 15 a 19 anos, de cor/raça parda e escolaridade média. Sendo o forçamento o método mais utilizado. A tendência geral da mortalidade foi de crescimento, impulsionada pelo aumento no sexo masculino, enquanto no sexo feminino houve um declínio a partir de 2004. O estado da Paraíba destacou-se com as maiores variações percentuais de crescimento nas faixas etárias analisadas. Os resultados reforçam a relevância do tema para a saúde pública brasileira e a necessidade e urgência de políticas públicas e medidas preventivas específicas para essa população (SIM/Datasus) (Silva et al. 2021).

Em contrapartida, neste mesmo período, Cicogna, Hillesheim e Hallal (2019), em um estudo descritivo de tendência temporal sobre a mortalidade por suicídio entre adolescentes no Brasil, apontam em seus resultados que, entre os anos de 2000 e 2015, ocorreram 11.947 mortes por lesões autoprovocadas intencionalmente em adolescentes de 10 a 19 anos, representando 8,25% do total de óbitos por suicídio em todas as faixas etárias no período. A proporção de mortalidade entre adolescentes do sexo masculino e feminino foi de 2,06:1 ao longo de todo o período analisado. Esse mesmo estudo evidenciou que a mortalidade de adolescentes por suicídio no Brasil apresentou tendência de crescimento nos últimos anos, especialmente na população masculina das regiões Norte e Nordeste do país.

Nesse mesmo sentido, Claumann, Pinto, Silva e Pelegrini (2018), em um estudo sobre a prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas e sua associação com a insatisfação corporal em adolescentes, apresentam dados que corroboram essas evidências. Os autores destacam que, embora haja informações relevantes de diversos países em comparação ao Brasil, adolescentes do sexo feminino, no contexto da insatisfação corporal, demonstram maior predisposição à ideação, ao planejamento e à tentativa de suicídio, possivelmente como reflexo de conflitos internos relacionados à depressão, ansiedade e autocobrança. No entanto, dados nacionais e internacionais indicam que, em todas as faixas etárias, o maior número de óbitos por suicídio ocorre entre indivíduos do sexo masculino.

Além das pesquisas selecionadas para a análise sistemática, ao longo do desenvolvimento deste trabalho foram consultadas outras fontes complementares, cujos dados e reflexões contribuíram para enriquecer a discussão e aprofundar a compreensão do tema. De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) demonstram que a frequência do suicídio está se deslocando dos idosos para os mais jovens. A maioria dos suicídios ocorre entre crianças maiores de 14 anos, principalmente no início da adolescência. Entretanto, está ocorrendo, em alguns países, um aumento alarmante nos suicídios entre crianças menores de 15 anos, bem como na faixa etária dos 15 aos 19 anos (Moreira e Bastos, 2015)

A violência contra crianças e adolescentes é considerada um grave problema social e de saúde pública em todo o mundo. Um estudo de 2016 revelou a magnitude do problema, estimando que, em 2014, até um bilhão de crianças e adolescentes entre 2 e 17 anos foram vítimas de violência física, psicológica, sexual e/ou negligência em 96 países. Essa violência foi associada a uma das principais causas de mortalidade (Bonfatti, Granato & Ribeiro, 2021).

Segundo Bonfatti, Granato e Ribeiro (2021), no Brasil, dados do Ministério da Saúde divulgados em 2018 mostraram que 80% dos casos de violência contra crianças e adolescentes são de natureza intrafamiliar, ou seja, cometidos pelos próprios pais ou cuidadores, dentro de casa. Em relação à violência doméstica, muitas vezes há a sobreposição de diferentes tipos de maus-tratos (violência física, psicológica, sexual e negligência), o que resulta em politização e trauma cumulativo.

No que diz respeito à violência autoprovocada, está se configura como o comportamento intencional de autolesão, superficial ou não, realizado sem intenção suicida consciente, inserindo-se nesse espectro de violências juntamente com a ideação suicida, as tentativas de suicídio e os suicídios (Lima et, al., 2023).

Lima et. al. (2023) afirmam que o fenômeno da automutilação tem apresentado aumento nos relatos observados no contexto escolar entre adolescentes. Dados agregados do Ministério da Saúde para o Brasil, referentes ao período de 2011 a 2018, indicam um total de 339.730 notificações de violências autoprovocadas/autoinfligidas. Destaca-se que 154.279 (45,4%) desses casos ocorreram na faixa etária de 15 a 29 anos. Quanto aos meios empregados na autoagressão, identificou-se que o envenenamento foi o mais prevalente (50,4%), seguido pela utilização de objetos perfurocortantes (17,8%).

Hohendorff, Habigzang e Koller (2015), em um ensaio voltado à discussão sobre a garantia de acesso ao tratamento psicoterapêutico para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no sistema público de saúde, destacam que o desenvolvimento de psicopatologias, tanto em curto quanto em longo prazo, está frequentemente associado à vivência desse tipo de violência. Os autores descrevem essa realidade em diversos países, incluindo o Brasil.

Entre maio de 2003 e março de 2010, os dados disponíveis indicam predominância de meninas entre as vítimas. Das 214.689 vítimas com sexo informado, registradas em notificações relacionadas à violência sexual, negligência, violência física e psicológica, a diferença mais expressiva entre os sexos foi observada nos casos de violência sexual: 38% das vítimas eram do sexo masculino, enquanto 62% eram do sexo feminino. Especificamente nos registros de violência sexual, verificou-se que, em todas as modalidades analisadas (isto é, exploração sexual, tráfico de crianças e adolescentes, abuso sexual e pornografia), a maioria das vítimas era do sexo feminino, com destaque para as ocorrências de exploração sexual, nas quais 82% das vítimas eram meninas. Embora os casos envolvendo meninos tenham aumentado em situações de abuso sexual e pornografia, sua participação percentual ainda foi inferior (30%) à das meninas (70%).

Independentemente do sexo das vítimas, a vivência da violência sexual constitui um fator de risco significativo para o desenvolvimento de sintomas e quadros psicopatológicos. Trata-se, portanto, de um estressor generalizado, cujas consequências variam conforme a vulnerabilidade individual de cada vítima (Hohendorff, Habigzang e Koller, 2015).

Esses dados evidenciam a gravidade da violência como um problema estrutural, exigindo políticas públicas eficazes de prevenção, proteção e apoio às vítimas. Além disso, destaca-se a importância de capacitar profissionais da saúde, educação e assistência social para identificar sinais de abuso e atuar de forma integrada na rede de proteção à infância e adolescência.

A violência contra adolescentes, muitas vezes invisível, frequentemente tem origem em contextos familiares marcados por negligência, conflitos e dinâmicas disfuncionais. Compreender esse fenômeno exige atenção às relações no ambiente doméstico, onde a ausência de afeto, diálogo e limites saudáveis pode favorecer a perpetuação de comportamentos abusivos. A partir dessa perspectiva e considerando a complexidade e a gravidade do fenômeno da violência doméstica, Bonfatti, Granato e Ribeiro (2021), ao investigarem o impacto emocional, identificaram que crianças e adolescentes que testemunham a violência no lar apresentam 45 vezes mais chance de serem eles mesmos as vítimas da violência doméstica, ao morarem em lares conflituosos que destacam a violência.

Segundo Oliveira et al. (como citado por Bonfatti, Granato & Ribeiro, 2021), ao descreverem sobre o impacto emocional da violência, torna-se evidente a importância de aprofundar o conhecimento sobre as formas de agressão que não deixam marcas físicas visíveis. Essas violências, frequentemente invisibilizadas, ainda enfrentam resistência em sua legitimação social, o que compromete o reconhecimento de sua gravidade.

A qualidade das interações familiares tem sido apontada como um fator determinante para o desenvolvimento psicossocial saudável dos adolescentes. Estudos indicam que ambientes familiares caracterizados por comunicação deficiente, falta de apoio emocional, conflitos frequentes e violência doméstica estão associados a maior risco de comportamentos autolesivos e suicidas entre adolescentes. Por outro lado, relações familiares baseadas em apoio mútuo, comunicação aberta e vínculos afetivos sólidos funcionam como fatores protetivos contra o desenvolvimento de comportamentos suicidas.

A dinâmica familiar contemporânea, marcada por transformações significativas nas últimas décadas, apresenta novos desafios para a compreensão das relações entre pais e filhos adolescentes. A redução do tempo de convivência familiar, a influência crescente das mídias digitais e as pressões socioeconômicas são elementos que podem fragilizar os vínculos familiares e contribuir para o aumento da vulnerabilidade emocional dos adolescentes.

As mídias desempenham um papel central na constituição da contemporaneidade. A mídia exerce um impacto considerável na vida dos adolescentes, moldando sua percepção de mundo, autoimagem e interações sociais. As redes sociais, em particular, oferecem plataformas para conexão, auto expressão e acesso à informação, mas também expõem os jovens a riscos como cyberbullying, comparações sociais negativas e padrões de beleza inatingíveis, que podem levar a problemas de saúde mental como ansiedade e depressão. Equilibrar o uso da mídia com atividades offline e o desenvolvimento de um senso crítico é crucial para navegar nesse ambiente digital complexo (Oliveira & Machado, 2015).

Conforme Oliveira e Machado (2015), o espetáculo faz da aparência inerência, diluindo a realidade em imagens e levando o sujeito a crer no que é veiculado pela mídia. O mundo filtrado pela mídia se torna uma ficção volátil, onde o verdadeiro é o que os proprietários dos meios de comunicação decidem que deve ser visto. Os meios de comunicação de massa tornaram irrelevantes as categorias de verdade e falsidade, substituindo-as por credibilidade ou plausibilidade e

confiabilidade. Os fatos dão lugar a declarações de "personalidades autorizadas" que transmitem preferências, as quais se convertem em propaganda. Estamos imersos em uma teia discursiva de difícil apreensão quanto a critérios de verdade, sujeitos a um fluxo contínuo de imagens e sons que se impõe sem réplica, legitimando a si mesma.

A partir de dados bibliográficos complementares não incluídos nos resultados da presente revisão, destaca-se que o embora produzido há algumas décadas, o estudo de Freire Costa (2005) mantém-se relevante para a compreensão das dinâmicas socioculturais que envolvem o adolescente na contemporaneidade. O autor evidencia que os jovens estão inseridos em um contexto social fortemente pautado pela centralidade da imagem, a qual assume um papel simbólico anteriormente atribuído a elementos sagrados e transcendentais. Nesse cenário, observa-se uma transição da busca por vínculos afetivos estáveis e duradouros para relações caracterizadas pela fluidez, instabilidade e constante reconfiguração no ambiente virtual, refletindo a fragilidade dos laços sociais na modernidade tardia.

O outro espetacularizado (celebridades, publicidade) parece possuir maior valor do que seus referentes concretos. Isso fragiliza a historicidade, a memória e o passado. O instante televisivo ou virtual, com sua sucessão de reinícios programados, pode se tornar o eixo para a elaboração dos estilos de vida dos adolescentes. Essas formas de ser, contudo, parecem não dar lugar à inventividade e singularidade, a não ser como retórica.

Na era digital, as redes sociais e plataformas de mídia exercem influência significativa na formação da identidade e na saúde mental dos adolescentes. A exposição constante a padrões idealizados de beleza, sucesso e felicidade pode contribuir para o desenvolvimento de sentimentos de inadequação, baixa autoestima e sofrimento psíquico. A pressão por validação social através de curtidas, comentários e seguidores cria um ambiente de comparação constante e busca por aprovação externa, potencialmente prejudicial ao desenvolvimento emocional saudável (Oliveira & Machado, 2015).

Outras fontes complementares contribuíram para ampliar a discussão e aprofundar o tema. Conforme as ideias de Santos, Diniz e Silva, (2021) a partir do artigo "Fatores Comuns Associados ao Suicídio na Adolescência no Contexto Pós Moderno", a instabilidade e a incerteza que permeiam as experiências contemporâneas podem dificultar o estabelecimento de referenciais sólidas e o desenvolvimento de um senso de pertencimento, elementos fundamentais para a saúde mental nessa fase da vida.

A intensa exposição de adolescentes a muitos fatores de riscos como a violência, abuso sexual, bullying, mídia e outros comportamentos de risco, geram um impacto direto na sua saúde mental, influenciando a autoestima, a percepção da realidade e a vulnerabilidade. Diante desse cenário, a criação de políticas públicas robustas é crucial para a prevenção do suicídio. Isso envolve o fortalecimento de serviços de saúde mental acessíveis e a capacitação de educadores e pais para identificar sinais de sofrimento e oferecer suporte adequado.

No Brasil, foi elaborada a Estratégia Nacional de Prevenção do Suicídio (ENPS), instituída pela Portaria do Ministério da Saúde nº 1.876, de 14 de agosto de 2006, que estabelece diretrizes nacionais para a prevenção do suicídio a serem implantadas em todas as unidades federadas, respeitando as competências das três esferas de gestão. Essa estratégia envolve uma série de ações de prevenção e promoção da saúde, que vão desde a melhoria das condições de vida e dos vínculos familiares e comunitários até a oferta de uma rede de serviços de saúde e de saúde mental que proporcionem tratamento e reabilitação psicossocial.

Cicogna, Hillesheim e Hallal (2019), em seu estudo descritivo de tendência temporal sobre a mortalidade por suicídio entre adolescentes no território brasileiro, destacam a importância do aperfeiçoamento de estratégias de prevenção ao suicídio, bem como da necessidade de que os profissionais de saúde estejam mais bem informados sobre esses dados, a fim de intervirem de maneira mais eficaz na vida dos adolescentes.

Claumann, Pinto, Silva e Pelegrini (2018), em um de seus estudos epidemiológicos relacionados ao bullying, evidenciam que esse tipo de pesquisa é de grande valia para subsidiar ações voltadas à promoção da saúde, à intersetorialidade, aos Programas de Saúde na Escola e ao apoio a pais e cuidadores na identificação de sintomas e queixas. A efetividade dessas estratégias depende da articulação intersetorial e da continuidade das políticas públicas, bem como do monitoramento e avaliação sistemática de seus resultados. Além disso, é fundamental que as intervenções sejam culturalmente sensíveis e adaptadas às especificidades dos diferentes contextos socioculturais em que os adolescentes estão inseridos.

A análise dos fatores associados ao suicídio na adolescência revela a complexidade deste fenômeno e a necessidade de abordagens multidimensionais para sua compreensão e prevenção. Os dados epidemiológicos apresentados demonstram a relevância do tema como problema de saúde

pública, com tendência de crescimento nas últimas décadas, especialmente entre adolescentes do sexo masculino nas regiões norte e nordeste do Brasil (Cicogna, Hillesheim e Hallal, 2019).

Os eventos traumáticos na adolescência, como a violência em suas diversas manifestações (física, psicológica, sexual e negligência), os conflitos familiares e o bullying, emergem como fatores de risco significativos para o comportamento suicida nessa população. Conforme destacado por Santos, Diniz e Silva (2021), três categorias principais de fatores estão associadas ao suicídio na adolescência no contexto pós-moderno: conflitos familiares, relação de pares e depressão, sendo esta última o fator comum em todos os estudos analisados.

O ambiente familiar, que deveria constituir um espaço de proteção e desenvolvimento saudável, pode se tornar um fator de risco quando marcado por violência, comunicação deficiente e vínculos afetivos frágeis. Bonfatti, Granato e Ribeiro (2021) identificaram que crianças e adolescentes que testemunham a violência no lar apresentam 45 vezes mais chance de serem eles mesmos vítimas de violência doméstica, evidenciando o impacto devastador desse contexto na saúde mental dos adolescentes.

As relações com os pares, fundamentais no processo de construção identitária na adolescência, também podem representar fonte de sofrimento psíquico quando marcadas por rejeição, bullying e cyberbullying. Oliveira et al. (2020) demonstraram a associação entre a qualidade das interações familiares e o envolvimento em situações de bullying, reforçando a interconexão entre os diferentes contextos de desenvolvimento do adolescente.

O contexto sociocultural contemporâneo, caracterizado pela fluidez das relações, pela fragmentação das narrativas e pela pressão por desempenho, apresenta desafios adicionais para os adolescentes. A perspectiva de Bauman sobre a "era líquida", referenciada por Santos, Diniz e Silva (2021), oferece um quadro teórico relevante para compreender como as transformações sociais contemporâneas podem intensificar a vulnerabilidade dos adolescentes ao comportamento suicida.

A depressão, identificada como fator comum em todos os estudos analisados por Santos, Diniz e Silva (2021), emerge como elemento central na compreensão do comportamento suicida na adolescência. Sua manifestação atípica nessa fase da vida, muitas vezes caracterizada por irritabilidade e comportamentos de risco, representa um desafio para o diagnóstico precoce e intervenção adequada.

Diante desse cenário, as políticas públicas de prevenção do suicídio na adolescência devem considerar a multiplicidade de fatores envolvidos, adotando abordagens intersetoriais que

contemplem a promoção da saúde mental, o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, a prevenção da violência em seus diversos contextos e o acesso a serviços de saúde mental qualificados.

Conclusão

A presente revisão sistemática permitiu identificar os principais fatores de risco associados à ideação suicida na adolescência, com base em estudos nacionais disponíveis nas bases SciELO e BVS - Lilacs. Os achados evidenciam que a violência, os transtornos mentais, a insatisfação corporal e a dinâmica familiar disfuncional figuram entre os fatores mais recorrentes. Esses elementos, muitas vezes interligados, revelam a complexidade que envolve o sofrimento psíquico na adolescência e a necessidade de intervenções que considerem múltiplas dimensões da vida do adolescente.

Compreender a violência sofrida por adolescentes exige olhar atento para as relações estabelecidas dentro do lar, e ambientes nos quais possam fazer parte, pois são nesses espaços que, frequentemente, se originam ou se perpetuam comportamentos abusivos que impactam diretamente no desenvolvimento físico e psicológico dos jovens. Fatores como histórico de violência na família, dificuldades socioeconômicas e socioculturais contribuem para esse cenário. É importante ressaltar que a posição apresentada, não culpabiliza a família, pela incidência de suicídio em adolescentes, mas serve de alerta para que, se observe os comportamentos que ocorrem no seio dela, assim como nos ambientes em que o adolescente é inserido.

A identificação desses fatores reforça a importância de ações preventivas em diversos contextos – familiar, escolar, comunitário e nos serviços de saúde – além de entender a efetividade das políticas públicas que promovam suporte emocional, espaços de escuta qualificada e fortalecimento de vínculos. Entende-se a relevância de profissionais atuantes no atendimento dos indivíduos propensos ao suicídio. Conforme Gracioli e Palumbo (2020), há um estigma significativo em relação aos indivíduos que cometem tentativa de suicídio. Muitas vezes, após serem socorridas em uma emergência, essas pessoas não recebem a orientação ou o cuidado necessário, sendo, pelo contrário, alvo de preconceito. Os autores enfatizam que a prevenção do suicídio é uma tarefa multifacetada, exigindo uma compreensão do fenômeno não apenas sob as perspectivas médicas e psicológicas, mas também sociais.

Compreende-se que suicídio entre adolescentes representa uma grave questão de saúde pública que demanda atenção urgente e estratégias eficazes de prevenção. Que este trabalho possa

contribuir para a reflexão crítica, sobre a importância do cuidado integral do adolescente e da construção de ambientes sociais que favoreçam o emocional e humano das novas gerações.

Por fim, ressalta-se a relevância de estudos contínuos e atualizados sobre o tema, considerando as transformações socioculturais e seus impactos sobre a saúde mental dos adolescentes, bem como a necessidade de mais pesquisas aprofundadas para ampliar o conhecimento e contribuir para estratégias mais eficazes na prevenção do suicídio juvenil.

Referências

Bonfatti, S. C., Ribeiro, L. J., & Granato, T. M. M. (2023). Violência doméstica e seu impacto emocional sobre o adolescente: Um estudo de revisão. *Psicologia Revista*, 32(1), 56–81. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2023v32i1p56-81>

Cicogna, J. I. R., Hillesheim, D., & Hallal, A. L. de L. C. (2019). Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 68(1), 1–7. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000345>

Claumann, G. S., Pinto, A. de A., Silva, D. A. S., & Pelegrini, A. (2018). Prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas e associação com a insatisfação corporal em adolescentes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 67(4), 294–301. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000177>

Ferreira, G. S., Fajardo, A. P., & Mello, E. D. (2019). Possibilidades de abordagem do tema do suicídio na Estratégia Saúde da Família. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 29(04). <https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290413>

Galvão, T. F., & Pereira, M. G. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 23(1), 183–184. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742014000100018>

Gracioli, S. M. A., & Palumbo, L. P. (2020). A prevenção à prática do suicídio: a pertinência das políticas públicas e o papel da Psicologia para a efetivação do direito à saúde. *Brazilian Journal of Development*, 6(11), 88664-88682. doi:10.34117/bjdv6n11-331

Lima, L. M. de, Silva, D. V. da, Silva, D. R., Spini, M. R., & Rasesa, E. F. (2023). Significados e ações frente à automutilação no contexto educacional brasileiro: revisão sistemática. *Psicologia Escolar e Educacional*, 27, e247706. <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-247706>

Menezes, M. S., & Faro, A. (2023). Avaliação da Relação entre Eventos Traumáticos Infantis e Comportamentos Autolesivos em Adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003247126>

Moreira, L. C. de O., & Bastos, P. R. H. de O. (2015). Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 19(3), 445–453.

Nascimento, D. B. do, Rosa, E. M., & Alencar, H. M. de. (2016). A relação entre o processo de construção do juízo moral em crianças e adolescentes e sua propensão a silenciar sobre eventuais

abusos sexuais sofridos. *Ciências & Cognição*, 21(2), 274–286.
<http://www.cienciasecognicao.org/revista>

Oliveira, A. M., & Machado, M. (2015). A adolescência e a espetacularização da vida. *Psicologia & Sociedade*, 27(3), 529–536. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p529>

Oliveira, W. A. de, Silva, J. L. da, Santos, M. A. dos, Hayashida, M., Caravita, S. C. S., & Silva, M. A. I. (2020). Interações familiares de estudantes em situações de bullying. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 50(4), e000000204. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000204>

Santos, T. B. dos, Diniz, T. M., & Silva, E. Z. P. da. (2021). Fatores comuns associados ao suicídio na adolescência no contexto pós-moderno. *Monumenta - Revista de Estudos Interdisciplinares*, 2(4), 68–93.

Silva, P. J. da C., Feitosa, R. A., Machado, M. F., Quirino, T. R. L., Correia, D. S., Wanderley, R. de A., & Souza, C. D. F. de. (2021). Perfil epidemiológico e tendência temporal da mortalidade por suicídio em adolescentes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 70(2), 113–120.
<https://doi.org/10.1590/0047-2085000000338>

Silva, R. M. S., & Dias, C. S. (2020). A prevenção à prática do suicídio: a pertinência das políticas públicas e o papel da Psicologia para a efetivação do direito à saúde, 19.

Von Hohendorff, J., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2015). Psicoterapia para Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Sexual no Sistema Público: Panorama e Alternativas de Atendimento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(1), 182–198.
<https://doi.org/10.1590/1982%E2%80%93933703000202014>